

POMBAS URBANAS

ENTREVISTADOS:	Adriano Mauriz Marcelo Palmares Paulo Carvalho
Localização da atividade:	Cidade Tiradentes
Área de Atuação:	Teatro
Data da entrevista:	20/08/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O Grupo Pombas Urbanas foi criado e consolidado na periferia da cidade de São Paulo. Hoje com 30 anos de sua trajetória artística, o grupo contempla um repertório de 15 espetáculos, a partir da pesquisa em ator, linguagem e dramaturgia, que caracterizam um estudo contínuo sobre a cidade de São Paulo. Com grande carácter emblemático, o Grupo Pombas Urbanas foi um dos pioneiros a ocupar praças, ruas e parques da cidade e realizar uma ocupação cultural na periferia da cidade, criando e estruturando em 2002 o CCAC - Centro Cultural Arte em Construção. Um espaço autônomo e comunitário no bairro Cidade Tiradentes, com uma diversidade de ações gratuitas que beneficiam mais de 20.000 pessoas por ano.

ENTREVISTADO:

MARCELO PALMARES

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Marcelo Palmares: Meu nome é Marcelo Palmares, eu sou ator e cofundador do grupo Pombas Urbanas. O Pombas nasce em 1989 no bairro de São Miguel Paulista, zona leste da cidade de São Paulo, na oficina cultural Luiz Gonzaga, já extinta oficina cultural, dentro de um processo de formação de atores e atrizes iniciado pelo diretor peruano Lino Rojas. No final de 1990, desse grupo de 100 jovens que trabalharam com o Lino, um núcleo de 20 jovens querem dar continuidade a essa pesquisa de formação de atores e aí surge o grupo Pombas Urbanas. A partir de 1991 o grupo se independiza e começa a ensaiar em vários pontos do bairro de São Miguel Paulista né em escolas públicas, em clubes só que eles sempre ficam questionando por quanto tempo que a gente vai ocupar o espaço e se o resultado vai ser um espetáculo. E a gente sempre explica que é um processo de pesquisa contínuo. E em 1992 por falta de espaço em São Miguel

a gente passa a ocupar o tendal da Lapa na zona oeste junto com outros grupos de teatro e ficamos no tendal até 1996 quando o Lino é convidado a dirigir o curso de formação de atores no SENAC e, em 98, nós saímos do bairro de São Miguel Paulista e alugamos um apartamento no centro onde vários integrantes do grupo vão habitar com o propósito de formatar, fomentar e potencializar as ações que o grupo desenvolve. Nesse apartamento a gente juntos começa a escrever todos os projetos, começa a ganhar uma independência das ações que a gente faz. Em 2002 a gente vai pra Barra Funda, alugamos uma sede, uma casa que é... a parte de cima são as habitações e a parte de baixo é a parte empresarial, de estrutura do grupo onde a gente ensaia e organiza os nossos materiais. Em 2003 nós ganhamos a Lei de Fomento para a cidade de São Paulo, que apoia grupos com processos continuados, e com o intuito de retornar pra a zona leste e dar continuidade ao nosso processo de formação. Em contato com a COHAB a gente chega aqui no bairro Cidade Tiradentes, onde um dos estudos que nós encontramos tem uma reivindicação da comunidade de ter um espaço cultural que diminua a sensação de exílio que o bairro tem em relação à cidade de São Paulo. A gente encontra esse galpão em ruínas e começamos um processo de formação humana, artística e também de reconstrução desse espaço que era um antigo supermercado que estava abandonado por mais de dez anos. Nesse processo a gente vai agregando outros jovens e fazendo ações que também atendam às demandas da comunidade como a criação da biblioteca comunitária, como cursos de violão, de dança, é... de circo e com os jovens a gente vai fazendo esse processo de formação teatral que dá origem aos grupos As Filhas da Dita, Circo Teatro Palombar, a Companhia Quatro Ventos e o Grupo Bico de Lata. Em 2005, a gente perde o Lino vítima de ...ah pera aí que eu perdi. Em 2005 o Lino falece e a gente fecha o galpão por uma semana, porque a gente não tem mais pique pra vir aqui dar continuidade às atividades, porém a gente encontra uma...uma senhora aqui da comunidade que pede pra gente repensar sobre o fechamento do galpão porque ela diz que o único lugar que a filha dela tinha pra vir era aqui nesse espaço, né, e que a filha dela chorava todos os dias quando via o galpão fechado. Então ela fala assim agora a história de vocês é uma história comum a muitas pessoas aqui da comunidade, porém nem todas tem o acesso que vocês deram a ações culturais então eu gostaria que vocês refletissem sobre manter ou não o galpão fechado. Então a gente abandona o nosso luto pra reabrir o galpão e aí de novo crianças e jovens começam a ocupar esse espaço. Em 2005 também a gente viaja pra Colômbia né, a gente já tinha ido pra Colômbia em 2003. Tem um processo muito forte em Medellín de teatro comunitário realizado pela Corporação Cultural Nuestra Gente que dá bases pra gente pensar as ações culturais que a gente gostaria de desenvolver aqui na Cidade Tiradentes. Em 2009 a

gente é convidado pra fundar a rede latino-americana de teatro em comunidade. Então a gente recebe aqui na Cidade Tiradentes cerca de doze grupos teatrais de dez países latino-americanos pra fazer a montagem do Quixote, uma versão do grupo La Candelária e todos os grupos constroem cenas desse espetáculo como marco da fundação da rede. Em 2010 também a gente inicia o processo da formação da cooperativa de artistas com o intuito de emancipar os coletivos formados por nós aqui no Centro Cultural Arte em Construção para que eles tenham mais autonomia das suas ações. Esses grupos continuam atuando aqui no bairro de forma independente, mas já não ocupam o Centro Cultural Arte em Construção. Que mais?

Ireldo Alves: Você pode falar de fatos, situações engraçadas, a participantes, de outros integrantes. Você falou um pouco, mas se o grupo teve sempre essa formação? As outras formações

Marcelo Palmares: a gente tinha... tem umas histórias que são interessantes porque a gente chegou aqui para fazer uma formação teatral e as pessoas iam perguntar se tinha biblioteca e a gente falava não, mas tem teatro. Perguntavam se ia ter curso de violão e a gente falava violão não, mas vai ter teatro. Bom as pessoas iam embora e nunca mais voltavam. Aí a partir do momento dessas perguntas quando elas faziam novamente essas perguntas pra nós a gente falava não, vai ter, vai ter! E começamos a buscar formas de desenvolver essas ações aqui. Então nós fomos participando de editais como os Pontos de Cultura em 2005, que deram muitas possibilidades da gente poder abarcar é... outras linguagens artísticas com intuito é...de poder atender às demandas vindas da comunidade. Também, em 2002, o fato que eu esqueci de comentar, é que a gente funda lá na Barra Funda, a gente funda o Instituto Pombas Urbanas. Vou voltar um pouquinho em 2002. Em 2002 quando a gente tava morando na Barra Funda, a gente cria uma personalidade jurídica, que é o Instituto Pombas Urbanas, que é o braço jurídico do grupo de teatro que amplia as possibilidades de desenvolver projetos que atendam à comunidade. E, também o nosso intuito de voltar pra zona leste que isso é atingido quando a gente chega aqui na Cidade Tiradentes. Então com o Instituto a gente consegue realizar uma série de ações que vão além do viés da formação teatral. Então a gente consegue com o Ponto de Cultura é, reformar esse espaço, ter condições de poder participar de outros editais porque a gente já tem personalidade jurídica e constituindo uma formação humana no bairro, dando acesso aos bens culturais na comunidade.

Ireldo Alves: Vocês poderiam falar um pouco das parcerias que vocês tem, quais as parcerias aqui com a comunidade?

Marcelo Palmares: Ajuda aí Pombas...quais as nossas parcerias agora na comunidade que eu poderia citar...

Adriano Mauriz: As parcerias atuais...eu acho que a gente tem assim, primeiro, a coisa do vínculo com os próprios moradores, que muitas vezes os moradores eram os que apoiavam o galpão, depois a gente estabeleceu contato com o pessoal das escolas públicas a gente está ligado essas redes com o pessoal da saúde, pessoas que moram na comunidade que participam de conselhos gestores escola pública, serviço de saúde.

Ireldo Alves: agora se vocês pudessem comentar uma situação engraçada, um fato marcante

Marcelo Palmares: Eu acho que o fato mais marcante é o Quixote assim que... Um dos fatos mais marcantes eu acho que nessa trajetória de dezesseis anos que a gente já tá no bairro de Cidade Tiradentes foi a fundação da Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade, onde a gente recebe doze grupos de teatro de dez países latino-americanos, né, pra fazer uma montagem multicultural da obra El Quijote né que é uma versão do diretor colombiano Santiago Garcia e do grupo La Candelária da Colômbia. Então aí a gente tem grupos de Cuba, do Chile, da Argentina, da Colômbia, do Peru, de diversos países latino-americanos que passam a viver aqui no bairro Cidade Tiradentes durante vinte dias e cada um traz uma proposta pra uma das cenas dessa montagem multicultural. Então você vê uma circulação no bairro que já não se fala só a língua portuguesa, mas o espanhol. Então vai tendo uma rede de pessoas que começam a interagir com esses latino-americanos que chegam aqui no bairro Cidade Tiradentes. E também a gente tem uma rede formada aqui no bairro que é constituída pelas escolas, pelos agentes de saúde, mas principalmente a nossa base mais forte é a comunidade, é a participação da comunidade que é fundamental pra existência desse espaço cultural.

Renata Eleutério: só queria que você pudesse falar Marcelo, uma última questão assim, como é que o grupo ele é importante na sua vida.

Marcelo Palmares: Ah o grupo, assim, particularmente, assim o grupo tem uma importância vital na minha vida. Eu entrei, comecei a fazer teatro com dezoito anos, era um jovem, morador da periferia, negro, sem nenhuma possibilidade de acesso à cultura e aos bens culturais, porém eu encontro no processo que é desenvolvido pelo Lino, uma forma de me expressar que respeite as minhas características de ser um descendente de migrantes nordestinos, morador da periferia e que essa bagagem que eu trago, essa bagagem cultural tem um valor, tem uma riqueza e que ela nunca foi reconhecida nem pela minha família, nem por mim mesmo e eu encontro no teatro

essa possibilidade disso se tornar algo concreto de eu poder me expressar a partir dessa minha existência, da minha forma de atuar.

Marcelo recita poema:

Antes eu era selva/Passei a ser gleba/Estrada de terra/Agora o asfalto chega e me enterra/Rua 7E, 15A, 10C/Rua 10, Rua da Sorte/Rua 15, Milagre dos Peixes/Coração de Maçã, Quinta Sinfonia/Tantos números, tantos nomes, tanta gente/Agora toda essa gente me inunda/Já fui aldeia, hoje eu sou cidade/Cidade Tiradentes/Mas sempre serei Passagem Funda!

Essa cena faz parte do espetáculo Cidade Desterrada. É a cena chamada nomes das ruas, onde nós relatamos que o nome das ruas foi dado por um cego que fazia jogo do bicho pra sobreviver, então ele relacionava os nomes das ruas com os números do jogo do bicho. E isso ia fazendo, nomeando as ruas pra que as pessoas conseguissem chegar nas suas casas que eram histórias que a gente ouvia aqui. E como todos os prédios eram iguais, muitas pessoas se perdiam, acabavam entrando no apartamento de outra pessoa, em outro prédio por achar que era a sua residência. Então a gente traz a memória essa história e, ao mesmo tempo, traz o primeiro nome, primeiro nome dessa região que era Passagem Funda.

ENTREVISTADO:

ADRIANO MAURIZ

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Adriano Mauriz: Eu sou Adriano Maurício, tenho 45 anos, sou integrante do grupo Pombas Urbanas. O grupo Pombas Urbanas ele tem uma origem muito ligada ao peruano Lino Rojas que vem para São Miguel Paulista trabalhar com jovens do bairro. O Lino já vinha exilado do Peru, vivia no Brasil, trabalha um tempo dentro da Universidade e começa a perceber que não era aquilo que ele desejava então ele vai pra...trabalhos com a Pastoral do menor, ele vai migrando até o momento que ele fala ó... ele cria um projeto chamado semear asas e resolve ir pra São Miguel Paulista. Ele escolhe São Miguel porque aqueles jovens tem, tinham, ele via naquela época isso em 1989 uma bagagem cultural imensa né. O bairro de São Miguel ele tem a questão da Vila Nitro Operária né. Então todos os integrantes do grupo naquele momento que eram jovens entre 13 e 16 anos eram filhos de nordestinos. Então ele vai pra trabalhar com esses

jovens filhos de nordestino que tem uma bagagem cultural muito forte que vive num território onde existe uma ausência de espaços culturais e esse jovem tem uma necessidade de se expressar. É... ele observava, por exemplo, naquele momento, uma coisa que era comum né todos nós do grupo, a maioria era office boy e tinha uma questão que era o surf de trem que tava muito na moda. Então ele observava esses jovens que arriscavam a vida surfando no trem, subindo num viaduto pra escrever um nome ou de mil maneiras que iriam deixar a sua marca, a sua identidade na cidade e arriscavam sua própria vida pra isso. E fala, meu esse jovem se valorizado ele pode se tornar um artista ele tem uma potência criativa e uma necessidade de dizer o que ele quer, o que ele sente. Então ele começa na investigação com o Pombas a pesquisar a formação de ator, linguagem e dramaturgia que isso naquele momento é a base do que vai formar essa identidade do Pombas né.

A trajetória que a gente vai fazer nesse sentido é sempre no sentido de formação de ator. E não era uma formação de ator ligada à questão acadêmica né era muito prática, nenhum de nós... às vezes ele trazia determinadas referências que nós não compreendíamos. A gente falava “meu do que que ele tá falando?”. Ele falava de Eugênio Barba e a gente ficava “é um cara barbudo”? A gente ficava “que que ele tá falando meu Deus?” Mas, por outro lado, na prática do nosso corpo, a gente fazia tudo, a gente tinha coragem de experimentar. E aí o grupo acaba tendo uma identidade muito marcada pela questão da rua. Mas na linguagem, na busca de linguagem a gente não faz só teatro de rua, a gente passa por tudo. Mas no primeiro momento a gente vai pra praça do forró que era uma praça em São Miguel porque era o lugar que a gente podia fazer teatro. E a gente vai cantando Legião Urbana, cantando cucurucucu Paloma que era uma música peruana que o Lino trazia e isso vai dando uma identidade. A gente vira as Pombas Urbanas, que é esse pássaro que tá na Praça, que simboliza a paz, que simboliza o Espírito Santo mas que também é o bicho que come bituca de cigarro, chiclete e que interrompe a passagem das pessoas no ambiente que as pessoas se incomodam, né, o rato com asas. Então é um símbolo dessa adaptação ao meio urbano né de alguma maneira e nessa pesquisa dramaturgica era exatamente isso, o que o jovem, esse jovem migrante tem pra falar sobre a cidade de São Paulo. Todos os espetáculos falavam o que nós queríamos falar da nossa cidade, do lugar que a gente vive, do lugar que nos transforma. E nessa pegada cada espetáculo vai falar da cidade, primeiro *Os Tronconenses* que fala de... é um grupo de crianças brincando de representar o mundo dos adultos. Esse foi o primeiro espetáculo, depois *Ventre de Lona* que é o nome desse teatro que a gente tá que fala do abandono da escola pública, das pessoas que tão em situação de rua. É uma menina que abandona o filho numa porta imensa que é um teatro, que ela acha que é uma

mansão e é um teatro abandonado. E aí os espíritos que vão cuidar dessa criança. *Mingau de Concreto* que falava das pessoas que estavam no dia a dia do centro de São Paulo, marginalizadas, o usuário de crack, o cara que tá andando no centro desempregado. Então, *Mingau de Concreto* que falava desses personagens do centro da cidade que muitas vezes são marginalizados. E a gente por ausência de espaço é... o grupo se profissionaliza e vai pro centro, vai viver no centro da cidade e passa, também, a ocupar os teatros do centro. A gente fez uma temporada no TBC, no KVA, na Funarte, mas a gente tem essa noção clara de que o que a gente queria expressar e falar tinha uma identidade maior com as pessoas que viviam na periferia como nós. Então a gente vai pro centro e depois volta pra periferia, encontra um espaço em Cidade Tiradentes e acho que isso aprofunda ainda mais a questão do desejo de fazer um teatro comunitário, um teatro que é feito com a comunidade, na comunidade e para a comunidade. Nesse momento o Lino vem a falecer e o Pombas continua essa questão de ter a formação de atores, mas aí a gente começa a estudar direção, a gente começa a estudar a questão de dramaturgia, pra que a gente pudesse realmente fazer os nossos espetáculos, agora sem o Lino. As primeiras obras que a gente faz aqui foi histórias pra serem contadas, que eram histórias de trabalhadores, histórias de pessoas comuns que estão qualquer um desses prédios aí de apartamentos de Cidade Tiradentes e que vivem situações de precarização do seu trabalho, né. Depois a gente fez *Era Uma Vez Um Rei* que são pessoas em situação de rua que imaginam se papel fosse dinheiro, o que é que elas iam fazer com tanto dinheiro, se elas fossem muito ricas. Só que quando elas tem esse poder, elas resolvem também oprimir o outro. Então é sempre essas questões que a gente conseguia conversar com as pessoas daqui, assuntos que nos incomodavam, que a gente achava que precisavam ser ditos, né. E *Cidade Desterrada* que foi uma escavação na memória do bairro, o espetáculo ele fala da nossa presença como artistas contando histórias do bairro. Então *Cidade Desterrada*, ele fala do tempo que era fazenda, mas também, principalmente, dos momentos de lutas né, a luta que foi trazer ônibus, pro transporte público chegar, pra chegar a escola, pra chegar o hospital. Então o espetáculo ele fala das lutas dos moradores de Cidade Tiradentes. Eu acho que em termos de referências né, a primeira é o Lino, com certeza foi uma referência muito forte na nossa vida, Teatro União e Olho Vivo que é um teatro popular e que sempre esteve presente nos territórios, muitos grupos irmãos como o próprio Dolores ou a Bravo Companhia e os grupos latino-americanos, a gente vai se inspirar também nesse movimento latino-americano do teatro comunitário e acho que isso reflete no nosso desejo de fazer um teatro vinculado ao território que nós habitamos, acho que de linguagem é mais ou menos isso.

Renata Eleutério: fala um pouco do processo de transformações estética que vocês tem, as referências, assim, como vocês começaram com essa concepção, como vocês estão hoje, o que mudou, porque que mudou na concepção estética, se houve essas mudanças, e traz um pouco da né, como que vocês veem o acervo como é que vocês veem. Você já falou bastante de que se referenciou essas peças de vocês, mas como é que vocês vêem a história do grupo sendo continuada preservada, sendo continuada, como que vocês veem a importância disso, vocês acham importante, por exemplo, que tivesse alguma num museu sendo contada dessa história do grupo de vocês?

Ireldo Alves: eu queria também só pra acrescentar que vocês falassem um pouco sobre dessa pesquisa com Cidade Desterrada como é que foi pra vocês ter feito esse processo de colher essas informações, colher essas histórias do bairro pra construir o Cidade Desterrada. Teve um processo bem interessante né

Adriano Mauriz: tá bom, bom eu acho que primeiro dizer assim que o Lino ele vem no movimento no Peru que se chama MOTIN, Movimento do Teatro Independente, então ele sempre tem né, imagina agora ele taria agora com 77 anos, ele veio da geração do Cesar Vieira e ele era essa pessoas que sempre acreditou num teatro coletivo, teatro de grupo, então o Pombas sempre fez as coisas numa forma muito horizontal né, o pessoal até brincava, falava “vocês sempre tão em reunião, parece que qualquer dia vai sair a fumacinha que decidiu o papa novo, é um conclave cada vez que tá junto” porque a gente decidia tudo junto, tudo sempre foi de uma maneira muito horizontal. Eh tô falando isso porque muitos dos processos criativos nossos se deram dessa maneira. O Lino, quando ele estava vivo, ele ouvia nossas histórias para criar as histórias que eram contadas e nós de Cidade Tiradentes também sempre tivemos muito essa questão de ouvir as histórias das pessoas para representa-las. Então por exemplo, no processo de Cidade Desterrada, teve...a gente fazia uma coisa que se chamava Café Memória que era um encontro com os moradores, fazia um café e cada um contava história e a gente pegava essa história e tocava uma música, falava uma poesia, virava uma espécie de sarau, mas que o principal era ouvir as histórias das pessoas né e ouvindo essas histórias a gente ouvia coisas que talvez pudesse ser comum de qualquer outra periferia, tornava essas histórias ao mesmo tempo universais. Por exemplo, a história da chegada do ônibus aqui. A gente ouviu mais de uma vez essa história por diferentes pessoas, que era um dia o ônibus chegava até um determinado lugar, mas não chegava no bairro todo, os moradores não conseguiam ter acesso. Eles até brincavam que era a época do pé de barro, todo mundo punha a sacolinha quando chovia no pé pra poder caminhar e ia até um outro lugar pra pegar um ônibus e tal. Um dia eles empapuçaram, tinha a

cabine do fiscal, eles amarraram o fiscal dentro da cabine, botaram a cabine dentro dum caminhão e levaram a cabine no lugar onde eles queriam que o ônibus chegasse. Sequestraram o fiscal e falaram, ligaram pra empresa de ônibus e falaram a gente só libera quando chegar o ônibus. E essa história várias pessoas contavam cada uma de um jeito, mas contavam a mesma história. E a gente tornou uma cena que muitas vezes as pessoas falavam: “eu tava lá” eu vi o dia que aconteceu, isso era muito interessante. Só que um dia chegou um cara da zona sul e falou, isso aconteceu lá na zona sul, não foi aqui. E a gente falou “caraca será que é verdade, será que não é” e é o campo da...eu acho que o artista pega a história e torna dele. Não tem um compromisso que seja real, ele torna ficção. Então a gente pega essa história e faz ela virar uma história que é de todos. Talvez ela seja da zona sul, talvez ela seja de Cidade Tiradentes, mas o fato é que dizem que é aconteceu, dizem que é verdade e a gente acredita. Então a gente tinha muito essa de fazer o Café Memória, ouvir histórias. Às vezes rolava umas histórias de espírito porque o bairro tem 37 anos. Aqui era uma fazenda que as pessoas aqui tinham pessoas que foram escravizadas. Então que acharam no mato os grilhões de escravos. Contavam umas histórias que ainda tinha espírito no rolê. A gente falava, nossa gente. Então, por exemplo, o começo do espetáculo mostrava uma ancestralidade que a gente, que eram, eu lembro do texto, inclusive, que a gente tomou um texto emprestado lá do pessoal lá da pedagogia griot que eles falavam: “pra começo de conversa, peço a bênção aos mais velhos que me dão sabedoria pra brincar com esses versos” e aí agora eu não me lembro, mas a gente ia narrando isso como se fosse os ancestrais que tavam aqui. E a gente pedindo essa licença pra contar pras pessoas essas histórias. Então eu acho que tem muito isso da... de respeitar as histórias das pessoas. E a nossa história né, a Renata perguntou da nossa própria história.

A gente quando fez 20 anos, o Pombas escreveu um livro juntos né, que se chamava Esumbaú. Esumbaú era uma poesia que o Lino fez numa peça que a gente falava o texto e que a gente não entendia que que esumbaú, que ele era peruano e que ele queria falar “és um baú” e ele falava “esumbaú”, “essa história esumbaú” e aí a gente botou o nome do livro de Esambaú, que é um baú. Então a gente é meio loki, a gente inventa as coisas, tem sempre essa poética por trás das paradas, mas o livro se chama Esumbaú e conta as histórias do Pombas. Eu adoro ficar contando coisas, Esumbaú era uma poesia mais ou menos assim: esgoele para ouvir/arregace o coração/navegamos pelos ares/e a nave vai...não lembro. Mas é isso era o Esumbaú e a gente escreveu o livro e, assim, a gente sempre teve assim... teve umas revistas que a gente publicou chamada *Semear Asas* que falou muito do processo de formação aqui no galpão, a gente tratava de escrever artigo sobre o que tava acontecendo aqui em Cidade Tiradentes, os textos, de

alguma maneira, tem um pouco da nossa história dentro. E acho que é isso Renata, tem coisas que a gente faz de vídeo. Mas eu acho fundamental, eu acho que tem um lugar que a gente não tá muito dentro, que é da própria academia né que, por exemplo, aqui a gente tem um projeto de circo. Não existe dentro da academia um espaço que... o circo, por exemplo, não é ensinado na universidade, então ninguém valoriza isso. Quando a gente chega lá parece ET. Teatro de rua ainda é uma luta conquistar um espaço dentro da academia. Agora a rede brasileira de teatro de rua tá fazendo um seminário, um curso dentro da Universidade de Alagoas, um semestre. Mas é tão difícil né que esse teatro popular, esse teatro de rua, esse teatro comunitário seja valorizado como produção de conhecimento, como saber né. Então eu acho que ainda é um desafio. A gente se preocupa com isso, mas ou a gente tem tempo de fazer a peça ou a gente tem tempo de escrever. Então a gente escolhe. A gente tem escolhido mais fazer teatro do que fazer qualquer outra coisa.

Renata Eleutério: você... fala um pouco das parcerias que o coletivo, enfim, que vocês fizeram ao longo do tempo, que vocês tão mais recentes, aonde que vocês atuam com ações políticas, enfim, que lutas vocês fazem?

Adriano Mauriz: então eu acho que até teve um momento que eu misturo as respostas né, pergunta uma coisa eu falo outra, mas teve um momento que falou... a gente tava falando né do território, acho que especialmente hoje né, com essa coisa da pandemia né. Acho que nós temos duas comunidades né, essa comunidade aqui, onde tá nossa raiz, onde tá o nosso espaço, onde tá nossa teatro, onde a gente fala com as pessoas e tem uma comunidade também na rede né, que a gente se identifica muito. Então, por exemplo, essa comunidade do teatro comunitário, que é a Rede Latino-Americana de Teatro Comunitário é uma comunidade que a gente tá em diálogo. Durante a pandemia, eu contado uma história, eu tô muito mexido, eu sou da época do fax né, falei “como é que eu vou dar aula agora virtual agora né mano”? e uma parceira nossa da Colômbia falou “Adriano você pode participar duma aula nossa pra crianças na Colômbia” por Zoom e tal e eu participei. E aquilo me encheu de esperança. E eu falei “pô da pra dar aula virtual sabe” porque as crianças me receberam lá e eu falei “vocês sabem falar português”? “Nãaa”. Então eu vou ensinar “sabe aquele bicho que faz assim “cocodrilo” “jacaré”, em português é jacaré aí eu começava a ensinar uma coisa, elas me ensinaram outra e aquilo me encheu de esperança. Então, essa rede virtual a gente tem se fortalecido na rede de teatro de grupos, na rede de teatro comunitário, na rede de teatro de rua, em alguns movimentos que agora tão lutando pela Lei Aldir Blanc, por exemplo, pra apoiar os artistas. Eu acho que da própria comunidade tem pessoas do bairro que sempre nos procuram, por exemplo, a Baixinha

que é do movimento de saúde, a professora Simone que tem ido fazer uma luta feroz de chegar junto das comunidades pra distribuir cesta básica que nos procura e que tá preocupada com os alunos dela, sabe, tá preocupada assim... mano ela contou uma história que ela foi entregar uma cesta numa comunidade, chegando lá o menino que era aluno dela teve vergonha de que ela visse onde ele morava. E aí ela teve que se deparar com uma situação de querer ajudar o aluno, de querer estar perto dele e ele não querer recebê-la porque tinha vergonha de morar num lugar superviolento e degradado. Então eu acho que aí, a Simone é uma pessoa que nos procura, que a gente já tenta auxiliar, tenta tá perto. Então são professores, são pessoas da saúde, são pessoas da luta pela mulher, contra a violência contra a mulher. Acho que tem pessoas que estamos do lado, o movimento negro, que a gente tá do lado, mas que hoje é muito pelas redes sociais, é muito pelas, pelo mundo virtual, que é difícil isso também, é outra luta.

Renata Eleutério: Como é que é a importância desse grupo na sua vida?

Adriano Mauriz: então né... (risos), ah gente eu entrei com 13 anos né então imagina no grupo Pombas Urbanas. Eu cheguei com 13 anos e a minha vida às vezes né, o CPDOC que fala de memória, vive me dando esses loopings de memória, eu tava dando aula de palhaçaria pela internet e eu tava pedindo pros alunos lembrarem um momento que gerou riso e gerou felicidade e eu lembrei que quando eu era pequenininho que eu ficava em casa e a minha irmã achava que eu era a boneca dela, então ela me vestia, ela me penteava. Ela penteou meu cabelo e pôs pra cima assim [mostra como ficava o cabelo] e quando eu me vi eu comecei a rir de me mijar rir, eu não conseguia parar de rir de me ver. E aquilo pra mim foi talvez o momento que eu tive nos três anos de idade, que eu talvez tenha decidido ser ator, ser palhaço, porque eu me via ali e eu gerei um amor eu fiquei muito feliz, amado, me senti tudo rindo de mim mesmo então eu podia rir de mim, ser um idiota e tá tudo bem, me aceitei muito rindo de mim. Então o Pombas eu acho que foi um lugar que eu encontrei para exercer aquilo que eu gostaria de ser. Eu achei um lugar que eu falei “pô eu posso ser o que eu quero” aí num dia eu podia fazer lima cena e morrer, depois ressuscitar, e depois falar o que eu pensava pra alguém bem filha da puta, eu podia virar falar e a pessoa ainda rir, achando que eu tava brincando. Olha só que legal, eu podia falar o que eu pensava e ser aceito numa boa e eu me aceitar. Então é um espaço, eu acho fundamental para meu próprio desenvolvimento, meu próprio aprendizado. Eu encontrei nesse lugar um lugar para ser.

Adriano Mauriz: É só dar um toque também sobre esse ano de 2020 que é um ano que a gente começa uma pesquisa né, a partir da leitura do Paulo Freire, inclusive o ano que vem é o

centenário do Paulo Freire, da Pedagogia do Oprimido e pensando muito uma coisa que ele fala também sobre esperar né, que esperar não é não vem de esperar ele vem de, é uma esperança fazendo, que a esperança ela não vai mudar o mundo, mas ela vai dar força pra gente seguir adiante e transformar as coisas. Então a gente tá pegando muito essa questão, o último espetáculo do Pombas falava da memória e agora a gente queria refletir sobre possibilidades de futuro. Diante desse momento de pandemia, como ter também esperança pra seguir adiante. Então, a gente tem também novamente escutado histórias do bairro, mas histórias como essa que eu falei né, de uma professora que vai em direção ao seu aluno, mesmo impedida de estar junto porque ela ama ensinar, histórias que a gente ouviu de um grupo de amigos que se juntaram pra enfrentar um hospital público pra que ele pudesse salvar a vida de uma pessoa ou de uma história de jovens que querem transformar as coisas a partir da cultura. Então a gente tá pegando histórias de esperança e de transformação, não da macropolítica, mas o que a gente pode transformar, essas pequenas coisas do dia a dia e vamo ver o que vai sair, mas por aí vem um espetáculo novo do Pombas Urbanas.

Música e cantoria

De onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/De onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/Mas de onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/de onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/Veja que cheio atravessa a cidade/Já perdi a conta da quilometragem/Depois da subida vem sempre a descida/Mas meu Deus do céu, onde eu vim parar?/Tô vendo luizinha/Tô vendo casinha/Finalmente eu tô em algum lugar/De onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/De onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/mas de onde vem esse monte de gente?/da Cidade Tiradentes/Eu vou ficar rico!.

Adriano Mauriz: Não sei se vale a pena, essa história talvez valha a pena contar, essa cena falava da chegada do personagem Tchan em Cidade Tiradentes

Marcelo Palmares: capitalista! capitalista!

Adriano Mauriz: que era o dono, o cara que construiu o mercado aqui. Ele se inspirou na história do dono do mercado que era o...

Marcelo Palmares: Tatá.

Adriano Mauriz: Tatá. E que ele construiu... o bairro foi pensado sem ter comércio, então ele começou a invadir esse terreno e construiu esse galpão de 1600 metros, fez um mercado e depois desapareceu. Que hoje é esse galpão que é o Centro Cultural Arte em Construção. Então

nós preferimos não citar nomes, mas ele virou no espetáculo Tchan, o cara que quer ficar rico na periferia.

ENTREVISTADO:

PAULO CARVALHO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Paulo Carvalho: Eu sou Paulo, Paulo Carvalho, faço parte do grupo Pombas Urbanas desde a fundação dele. Eh bom vou falar um pouco dessa relação nossa nesse momento que tamo vivendo aqui na...no bairro né Cidade Tiradentes que é a quarentena devido ao vírus que tá...que tomou conta ai de todo o país e todo o mundo né. E... bom, o Pombas sempre teve um trabalho forte aqui no bairro né em relação à comunidade com todo o processo dele, inclusive o próprio projeto artístico, dramaturgico foi sendo até muitas vezes influenciado pela própria convivência né das histórias que a gente ia convivendo aqui, ouvindo né. E isso foi se traduzindo no nosso processo artístico né, enquanto como atores de um grupo que até então desenvolvia seu trabalho dentro de uma pesquisa voltada pro ator né. Como o Adriano disse né sobre a relação dos espetáculos e da formação desse ator orgânico né. A gente é... a partir do momento que a gente começou a viver aqui na...em 2004, que a gente começou a ter o contato aqui e perceber que era muito importante a gente conviver aqui também né. Que não adiantava só fazer o processo da relação dos projetos aqui e voltar pro centro de São Paulo. A gente tinha que realmente tá aqui vivenciando todas as questões que aconteciam aqui porque exigia isso também da gente. Então a partir daí todo mundo passou a morar aqui, conseguimos os apartamentos né algumas pessoas do Pombas começaram a conviver. Enfim, a partir daí a gente sempre teve um processo muito ativo na relação com o trabalho e que às vezes exigia da gente trabalhar de segunda a segunda né, então pra que a gente pudesse responder às propostas que a gente trazia aqui. Isso de uma certa maneira começou a ocasionar na gente a falta de tempo pra coisas pessoais também né. E aí dentro da nossa organização a gente tá aqui há 15 anos fomos meio que tentando se reorganizar conforme também o bairro e a cidade ia nos exigindo isso. Porque o bairro também foi desenvolvendo né não só o grupo. Então, quando a gente chegou aqui era uma... uma... as histórias que a gente ouvia eram muito complicadas assim no sentido de violência. “Vocês vão tá lá, cuidado pode acontecer tal coisa aí vocês vão ser raptados, vão roubar vocês”. De uma série de coisas que chegando aqui a gente foi vendo que a realidade era completamente outra né, de pessoas que realmente...pessoas trabalhadoras, pessoas de querer tentar conseguira sua casa, seu endereço, a sua identificação né com o bairro pra poder dizer olha eu existo né nessa

cidade, né. E a partir daí a gente começou a ter essas relações e isso também começou a influenciar os nossos processos aqui. Além do processo artístico a gente também teve que se desdobrar na relação com a administração da instituição né. Tivemos que montar um grupo administrativo né, de gestão pra que a gente pudesse conseguir administrar todas as questões do projeto. Enfim, são várias coisas aí que foram exigindo aí uma forma e um trabalho nosso pra que a gente pudesse cada vez mais tentar trazer propostas novas aí. Tô falando todo esse a parte porque a gente agora tá vivendo um momento de...de retomada de muita coisa né. A gente passou por um processo aí de que a gente teve o grupo né quando começou a gente conseguiu fazer as formações conseguiu aí...muitas pessoas começaram a participar, ajudar nosso trabalho a desenvolver coisas junto com a gente aqui. Os próprios jovens que se formaram aqui também ajudaram muito nos processos de trabalho aqui às vezes como voluntário, muitas vezes como contratado pelos projetos. Então nesse sentido a gente sempre foi se adaptando aqui com os nossos trabalhos aqui né. E bom as coisas vão mudando, o grupo tem trinta anos. Então a partir daí a gente vai tendo várias transformações, vários processos né importantes, não é à toa que a gente tá com trinta anos aí né. E nesse sentido a gente foi vendo né que tinha coisas que a gente conseguia é uma solução pra aquele problema que acontecia e pra outras vezes não né, era difícil né. A gente veio com um processo aqui muito mais da experiência do grupo de desenvolver um teatro e tudo isso foi a gente foi percebendo que a comunidade exigia de nós um processo de ah tá eu tenho que fazer meu trabalho artístico mas eu tenho que me preocupar também com o desenvolvimento das pessoas aqui. Não é só chegar aqui e fazer teatro. Eu tenho que fazer teatro com essas pessoas, essas pessoas tem que entender o que a gente faz aqui de uma maneira que a gente não é o corpo estranho que tá chegando no bairro, mas de uma maneira que o teatro fizesse parte da vida delas também. E aí a gente foi se desenvolvendo e aí chegamos num momento, num patamar alto aí da instituição, do Pombas e que foi levando a gente a ter que ter vários braços ao mesmo tempo pra poder é... dar conta de tudo e nesse sentido a gente acabou perdendo um pouco o fio da meada na relação com as pessoas e com o trato da própria comunidade. Como eu tava dizendo né, a própria Cidade Tiradentes foi desenvolvendo, as pessoas quando a gente encontrou aqui eram pessoas que tinham poucas condições, era só a moradia mesmo, hoje a gente vê comércio, vê uma estrutura melhor. Não tinha, a gente chegou aqui não tinha nem um espaço de convivência onde os jovens podiam se reunir e trocar ideias, espaços culturais. Depois que a gente começou a vir aqui...hoje a gente tem aqui no bairro mais de cinco espaços culturais aí no entorno. Na época perguntaram: “e aí agora como vocês vão viver com a concorrência?” Falei, não que concorrência? Que bom que tenha esses espaços e

que tenha mais porque cultura não precisa só o Pombas ser a referência aqui. Existem outras referências tão importantes quanto as nossas que elas possam também vim pra cá e que outras pessoas também tragam essas pessoas também, assim como a gente sempre tentou trazer pessoas de referência pra que a comunidade tivesse a informação né. E aí determinado momento a gente... isso cresceu tanto que a gente já não tinha muito como fazer como controlar tudo. E eu acho que é um processo também de natural você tem uma convivência, se desenvolvem coisas e aí precisa se renovar né, a gente vê mais como uma renovação e não como um problema só de que aaah o Pombas Urbanas não é mais o mesmo. Muitas vezes as pessoas falavam ah vocês vão fechar aqui porque né, o espaço não tem mais ninguém e que não sei o quê e a gente sempre acreditou nessa possibilidade, a gente cai mas a gente levanta, a gente cai mas a gente levanta e vai encontrando outras pessoas nessa relação que vai fortalecendo o nosso trabalho.

Bom ficamos mais ou menos aí... uns três anos mais ou menos nessa discussão. O grupo se desfez de alguma maneira, ficando só os meninos né eu, Marcelo, Adriano e o Big e pra fazer essa retomada com todo o trabalho que a gente tem aqui nesse espaço. Então a gente... na verdade pra gente é uma retomada, é um recomeço de um novo processo de questões novas que vão surgir aí. Mas já como uma experiência de cada um aqui com 40, 50 anos. Não aqui a gente quando a gente veio pra cá com 20 anos que a gente ficou assustado. “Nossa que que a gente vai fazer com tudo isso aqui.”! É... bom, aí esse ano bem como a gente vai fazer, o governo... esse governo que a gente tem aqui agora atacando todos as questões sociais e culturais possíveis, né, pra que não tenha questionamento nenhum né e é lógico que a gente sentiu que a gente ia ser afetado por isso. E aí a gente tentou ver o que fazer. A gente ficou um período aqui sem opção nenhuma de subvenção de projetos que a gente quisesse realizar aqui.

Então aí esse ano a gente ganha o Fomento à Periferia né, que dá um alento aí no nosso processo de trabalho. Quando a gente começa esse processo que, puta vai ser o nosso ponta pé inicial na nossa retomada né aí veio o COVID, o COVID-19 né, esse vírus e torna toda a questão de quarentena aí que é importante pra que a gente pudesse se proteger já de primeira colocando já os espaços culturais, logo de primeira assim né, lugares de aglomeração né, teatro e tal então engraçado né a cultura foi a primeira a dizer ó, vocês vão parar e sabe lá quando vão voltar e pegou a gente nesse momento aí. Acho que em março, tomamo um baque né, porque a gente já tinha se organizado como projeto, a gente já tava desenvolvendo aí os cursos. Curso de teatro pra jovens, curso pra criança, curso de dança pra criança, artesanato e já tivemos duas aulas presenciais, de repente a gente tem que parar com tudo e se adaptar de novo à situação porque ah o projeto tava andando, já tava no processo a própria secretaria já tava dando aval pra

desenvolver tudo né. E aí nesse momento a gente tem que parar tudo pra desenvolver o trabalho de uma maneira diferente né. Então tudo virou virtual agora né, a gente teve que fazer toda uma questão de dar teatro virtualmente né. A gente nunca pensou, pelo menos eu nunca pensei que era possível isso, mas é com essa relação da saúde né. E principalmente porque a gente ficou muito preocupado com as pessoas que iam vir pra cá né. Porque cê sabe né, a gente tá a frente de todas as questões aqui do espaço então a primeira coisa é vir o ataque né, “ficou doente porque vocês não tomaram conta disso né”. Bom, enfim, e a partir daí a gente começou a desenvolver todo esse processo virtual, se adaptamos, contratamos lá, fizemos um, começamos a utilizar as plataformas de é... pra transmissão né e, principalmente a Zoom, e a gente foi meio que adaptando a aula prática né, uma aula de teatro em uma questão virtual. Então tudo agora pra gente tá sendo muito novo. A gente tá conseguindo fazer e responder. Inclusive já terminamos a primeira etapa do projeto e todos os cursos e com as pessoas participando né que foi importante, que a gente achou que também com essa mudança de presencial pra virtual ia ter um problema né. A gente tá tentando usar muito também as redes sociais pra divulgar sobre as questões que a gente tá desenvolvendo aqui no grupo porque a gente tá, ficou fechado né, tivemos que ficar com as portas fechadas pra poder desenvolver. Então pras pessoas não acharem que tá abandonado, a gente começou a divulgar tudo o que a gente fazia aqui, que está fazendo aqui. Pra que as pessoas tenham ideia que mesmo parado...é a quarentena e não nós que queremos parar, mas é por uma questão de segurança mesmo. E nesse período aí eu acabei ficando doente logo na sequência né, assim que a gente começou a organizar a questão das aulas e o projeto ia já dando andamento eu fiquei ruim. Fui fazer um serviço de casa lá, arrumar a caixa d’água era à noite quase, e aí mudou a temperatura. Quando eu cheguei pra dormir já no outro dia já tava ruim e foi nesse processo de infecção né. Até então a primeira semana fiquei três dias achando que era gripe. Aí na mesma semana eu já fui no médico pra saber né com a história do COVID todo: “ah isso aí é uma gripezinha que cê tem, vai pra casa e você cura ali, toma os remédios, os antigripais. Se a febre aumentar muito aí cê retorna aqui né”. Aí eu fiz isso, fui pra casa, fiz todo o processo lá, me isolei no meu quarto porque eu tenho uma filha pequena, duas grandes e uma pequena, uma de quatro e uma de quinze e minha esposa. Então, assim, minha preocupação era maior com eles até né. Então eu fiquei isolado no meu quarto lá e a minha esposa lá me trazendo as coisas, o almoço, a janta pra eu poder me manter lá e eu tomando os remédios caseiros né. E aí cada vez piorando a situação né. Aí na outra semana já a febre já não era só a febre alta, era também a hipotermia que aí também dava essa questão quando dava de manhã eu tava com 33°C eu tava com medo se baixar mais eu vou morrer aqui

né. E aí fui de novo no médico e falei “ó tá estranho isso porque estava com febre alta e agora tá me...”. Aí fiz todos os exames lá. Aí o médico falou olha “tá com algum vírus”. Porque o que é que aconteceu, lá nos exames sanguíneos deu um problema de leu como é que é?

Renata Eleutério: Leucócitos

Paulo Carvalho: Isso que a minha imunidade ela tava como se fosse uma imunidade de recém-nascido. Então, assim, o que é que isso queria dizer que qualquer resfriadinho, qualquer coisa que acontecesse se eu pegasse ali eu podia piorar a situação. Então, aí eu falei assim “puxa e agora como é que eu faço?” Aí falou assim: “vai pra casa e toma remédio.” Fui pra casa de novo. Aí comecei a ter vômito, náuseas, aí diarreia, aí tudo. Começou a cada vez mais definhar meu corpo, eu tava com peso de 100, comecei a baixar, fui pra 80 quilos, assim, em 15 dias emagreci demais. E de repente, aí eu falei assim não tem jeito ou eu vou agora pro médico, ou o médico me interna ou não dá mais. Aí quando ele olhou lá ele falou assim: eu só não vou internar você porque você tá com seu é... como é que fala lá é...oxigênio no sangue, eeh, ele tá muito baixo, mas ele não atingiu um número necessário pra internar você. Acho que é 93... aí se tivesse 92 aí ele já me conduzia pra internação. Mas como ele falou ó, por causa de um você não vai. Vai pra casa e dá um jeito. Aí nisso minha mulher começou a ficar nervosa né e preocupada né, perder o marido. Aí eu lá não conseguindo comer e ela falou você vai comer de qualquer jeito, você vai vomitar mas vai comer, vai vomitar mas vai comer até a gente conseguir tirar essa situação. Bom, rezamos muito, aí isso já fazia um mês mais ou menos. E aí graças a Deus eu consegui comer direito, comecei a me alimentar direito. E graças à minha esposa né, a Cristiane que me ajudou muito nesse momento, também porque é muito difícil, você fica isolado, sem contato com ninguém, e você não sabe se você vai viver ou vai morrer porque... agora né tá mais claro a situação assim vamos dizer nas relação dos...das...dos exames né, que até então os sintomas que colocaram eram coisas assim muito...sabe essa coisa que parece que médico decora, se você não tiver nada disso que a gente decorou, a gente não sabe o que é. Então foi muito nesse, nessa questão aí que...que deixava a gente preocupado né, a gente ia em quatro médicos e ninguém sabia o que é que era. Mas pra mim era COVID mesmo, porque não foi comprovado, mas só do homem, o último médico falar que a minha saturação sanguínea tava muito baixa e que podia ser isso só que não precisava fazer exame.

Renata Eleutério: uma última questão, como é que é o grupo pra você, como é que é a importância do grupo na sua vida?

Paulo Carvalho: Pra mim sempre foi muito importante por várias questões né uma porque né, bom, eu sempre gostei de fazer teatro, fazer teatro na escola, eu era muito tímido mas mesmo assim eu gostava muito de brincar. Aí eu gostava muito daquela Velha Surda né lá da Praça da Alegria, então eu fazia ela de vez em quando. E eu adorava porque as pessoas riam dessa possibilidade né, então eu tava parece que estimulando algo no outro que até então eu não me via muito sozinho vamo dizer assim eu pessoal Paulo né. Eu era muito tímido então a relação com as pessoas pra mim sempre foi um pouco meio temerosa né, o que que eu falo, o que é que eu faço, tal. E...aí essa coisa do teatro, quando eu fui terminando meu colégio foi ficando cada vez mais forte e aí eu fui vendo que... eu queria fazer teatro, comecei a fazer teatro curso pago, lá na Angélica, tinha um curso do Emílio Fontana que era um curso particular, porque na época não tinha muita... muitos cursos desenvolvidos né, específico pra profissionalização de ator né. Os processos se davam pela passagem de um ator experiente pro outro tal né e aí eu fiquei um ano lá odiando teatro porque não era nada daquilo que eu acreditava né. Um processo teu de se conhecer em ver né, porque eu erar muito tímido então eu precisava sacar o que que eu era pra poder ser expressivo, né? E eu falava eu tô odiando né e aí um dia a minha prima morava no Jaguaré do lado do Lino que era vizinho e falou: olha tem um cara lá que ele fala...ele é espanhol e não sei o quê e ele falou...falei que você gostava tanto de teatro que você ta meio desanimado aí ele falou assim pra você ir lá fazer o curso né.” E aí só que na hora lá eu fiquei meio assim é curso, é grupo, eu achei que ia entrar no grupo, então fui todo arrumadinho, com óculos escuros tal pensando nessa possibilidade que já ia entrar. E aí quando fui ver era um curso, uma oficina cultural que ele tava administrando na época e... aí eu falei eu vou fazer e fui ficando. E aí a partir daí eu fui criando gosto nessa relação com os jovens. Porque que eu falo que várias coisas aconteceram aí porque ali eu fui descobrindo ahh encontrando a relação com linhas nos outros jovens que tavam ali. A gente foi se conhecendo, foi criando uma afinidade na relação e isso foi muito importante pra o começo do grupo né. E a partir daí a gente foi cada vez mais se afinando nas relações e pelas propostas que o Lino ia apontando. Pra mim foi, é, foi e é muito importante no começo da minha adolescência porque eu comecei com 18 anos, é com 50 anos agora é o que eu sei fazer e o grupo me dá essa possibilidade, essa possibilidade de fazer junto com o outro né. É... é legal porque às vezes a tua a visão, às vezes a coisa que tá tão fechada ali o outro consegue te dar melhor né.